A PAREDE

Gugu Keller

1

Junho, 2005.

Era o último treino do Grêmio Paulistano antes do embarque para Santiago à noite, ainda naquela segunda-feira. O técnico Murilo Mendes encerrou o coletivo por volta das cinco horas da tarde, de modo que, estando a saída do ônibus rumo ao aeroporto prevista para as oito e trinta, os atletas teriam três horas e meia para tomar banho, arrumar suas malas e jantar.

Ainda que composta apenas de jornalistas, os únicos autorizados a entrar no centro de treinamento do Parque do Carmo naquela ensolarada mas fria tarde de quase inverno em São Paulo, uma pequena multidão acompanhava tudo de perto. Cinegrafistas, fotógrafos, repórteres, comentaristas, cronistas esportivos. A perspectiva de um clube, e de um clube brasileiro, conquistar, pela primeira vez desde a sua criação, o pentacampeonato da copa Libertadores da América, e um pentacampeonato no sentido original da palavra, já que consecutivo, soava, não sem razão, como um fato histórico sem precedentes, algo de proporções gigantescas no mundo do

futebol. Mais ainda, tal feito, se confirmado, abriria as portas para que o alvi-rubro em dezembro lutasse também pelo penta mundial em Tóquio, no Japão, também de modo consecutivo, o que, definitivamente, diziam muitos, em caso de vitória, faria dele o maior time de futebol de todos os tempos. De fato, jamais nenhum clube fora tão longe. Os maiores vencedores do mundial interclubes antes da espetacular ascensão gremista eram donos de três títulos cada um, tendo apenas quatro deles, o Santos, a Internazionale, o Milan e o São Paulo chegado ao já respeitável feito de alcançar conquistas consecutivas, nos quatro casos o bicampeonato.

Sim, sem dúvida, o retrospecto do vermelho e branco nos últimos dez anos, sobretudo em se tratando de um clube tão jovem, com pouco mais de trinta de fundação, era algo jamais visto antes no universo futebolístico. Quem em sã consciência algum dia imaginaria que um time que ascendeu à primeira divisão do campeonato paulista no ano de 95 viria a ser o seu campeão não apenas já em 96, mas em 98, 99, 2000, 2001, 2002, 2004 e 2005, ou que esse mesmo time, tendo chegado à série "A" do campeonato nacional em 97, levantaria o seu título em 2000, 2002, 2003 e 2004? Decerto ninguém. Mas, sim, o Grêmio Paulistano é uma realidade, e o fato é que o penta consecutivo da Libertadores e do mundo, pela atual qualidade da equipe, podem, sim, sem sombra de dúvida, mesmo que aos adversários que há pela frente nessa caminhada deva-se sempre muito respeito, ser considerados, a esta altura, bastante próximos.

E o que dizer do ídolo maior do Grêmio Paulistano, o goleiro João Matheus, com seus tão impressionantes quanto históricos recordes? Já há algum tempo, Brasil e mundo afora, a discussão não quer calar... Pelé foi maior do que João ou João é maior do que Pelé? Argumentam os mais românticos que, não, João Matheus não pode ser o maior jogador de futebol de todos os tempos pelo simples fato de ele ser goleiro. Contra-argumentam

os opositores no sentido de que o goleiro também é um jogador de futebol, como não? Apenas atua numa posição diferenciada. “Mas goleiro não cria nada! Só destrói! Impede que grandes jogadas terminem em gol, que é o grande momento do futebol!”, dizem uns. “Mas muitas defesas de João são tão fantásticas que podem ser consideradas não apenas grandes jogadas, mas verdadeiras pinturas, autênticas obras de arte tão belas quanto os mais auspiciosos gols já marcados história afora! Como dizer que ele não cria nada?”, respondem outros.

De fato, discussões à parte, os números do goleiro gremista são indubitavelmente assombrosos. Tendo assumido a titularidade da meta alvi-rubra no ano de 95, mais precisamente no mês de março, dois meses antes de completar 20 de idade, João Matheus é, portanto, há pouco mais de dez anos, o dono absoluto da camisa 1 da Vila Alpina. Desde então, o atleta atuou 763 pelo clube e mais 40 pela seleção brasileira, perfazendo um total de 803 jogos como profissional. E, durante todo esse tempo, em toda essa quantidade de jogos, ele sofreu apenas 27 gols, o que lhe dá a absurda média de apenas um gol sofrido a cada 29,74 jogos, 30 praticamente, um fato sem qualquer precedente ou proximidade em toda a história do futebol.

Mas, quando nos referimos ao fenômeno João Matheus, há muitos outros números igualmente impressionantes, para não dizer assustadores... Das 803 vezes que entrou em campo, só em três ele saiu derrotado. Foram 616 vitórias, 184 empates e apenas três derrotas. Além disso, João nunca tomou mais de um gol num mesmo jogo. Todos os 27 foram em jogos diversos uns dos outros, e nunca tampouco em jogos seguidos, consecutivos. O atacante Luís Manuel, da Portuguesa de Desportos, é o único jogador que já marcou dois gols em João, um em 2003, na vitória do Grêmio sobre a Lusa por 4X1 no campeonato brasileiro, e outro em 2004, no campeonato paulista, quando a vitória foi dos lusos por 1X0, uma das únicas três derrotas

sofridas por João em toda a sua carreira, portanto, conforme dito acima. O maior goleiro do mundo em todos os tempos, isso ao menos ninguém discute, jamais tomou um gol de fora da área, e nem tampouco de bola parada, seja falta, seja pênalti. A defesa destes, aliás, tornou-se sua grande especialidade. Nunca, nem mesmo em disputas de pênaltis com cinco cobranças para cada lado, João Matheus foi vazado dessa forma. Tanto que, inclusive, e sobretudo, na Libertadores, a eventual necessidade de decisão nos pênaltis contra o Grêmio Paulistano é, hoje em dia, para qualquer time, sinônimo de derrota certa. Os adversários já nem sequer têm o devido ânimo para o enfrentar quando o caso. O reflexo e a rapidez de reação de João, que, ao contrário de praticamente todos os outros goleiros, jamais se move antes da bola ser tocada numa cobrança de penalidade, são de tal modo precisos e apurados que esse especial momento do futebol em que o tento sempre pareceu o mais provável simplesmente perdeu o sentido diante dele, a ponto de alguns batedores já haverem tentado o inusitado recurso de não chutar o pênalti direto a gol, mas tentar um passe para alguém que venha de trás, o que, diga-se de passagem, certa vez, num jogo do Grêmio contra o São Paulo, quase deu resultado, sendo João naquela feita salvo pela trave.

As três derrotas e os 27 gols que João sofreu em sua carreira foram atuando pelo Grêmio Paulistano, o que equivale a dizer que, nos 40 jogos que, conforme referido, ele disputou pela seleção brasileira, jamais saiu derrotado ou sofreu qualquer gol. Jogou toda a copa de 2002, inclusive as eliminatórias, sem jamais ter sido vazado. 40 jogos multiplicados por 90 minutos são 3600 minutos sem tomar gol. Considerando-se que houve duas prorrogações, uma naquela copa e outra na copa América de 2001, temos 3660 minutos, ou nada menos do que 61 horas em campo pela seleção brasileira sem levar um gol sequer. Ainda que haja sempre, não se nega, a dificuldade de comparação por ser João Matheus um goleiro, terá Pelé, ou

Garrincha, ou Zico, ou Maradona, ou quem quer que seja, atingido números tão impressionantes? Parece-nos que não. Às vezes, muitos já o disseram, dá-se a impressão de estarmos falando de uma máquina, e não de um ser humano! Onde é que isso vai parar?

Mas, voltando aos pênaltis, mais feitos avassaladores do goleiro João Matheus... Como se disse, jamais ele tomou um gol sequer dessa forma. Registre-se, então, para que o leitor tenha a devida noção das proporções desse feito, que, nessas 803 partidas em que atuou, foram cobrados contra ele 198 pênaltis! Levando-se em conta que, desses, 31 foram chutados para fora, oito contra uma das traves e que em sete oportunidades os batedores tentaram o referido inusitado de não bater direto para o gol, temos que João defendeu 152 cobranças! E com mais um detalhe impressionante, já que tudo o que se refere a ele assim é... Em 111 dessas defesas, não houve rebote nem sequer! E, se dos 41 rebotes, 29 foram rechaçados pelos jogadores de linha do Grêmio, ou, num dos casos, da seleção brasileira, nas doze oportunidades restantes João na seqüência praticou definitivamente a defesa.

Igualmente de impressionar é a sua disciplina, tanto no que se refere a seu condicionamento físico quanto no que tange a seu comportamento dentro de campo. João Matheus é o único futebolista de que se tem notícia que jamais desfalcou o seu time por motivo de contusão. É como se, a despeito das malabarísticas defesas que tantas vezes pratica, ele tivesse sempre a consciência exata das possibilidades de seu corpo, jamais exigindo dele algo que o pudesse de algum modo lesionar. Sua elasticidade, sua impulsão e sua perfeita noção daquilo que em futebol se costuma chamar "tempo de bola" parecem lhe proporcionar uma capacidade quase que mágica de fazer sempre o movimento certo no momento certo, no instante exato. Ademais, mesmo em períodos de férias ou de muito trabalho, João, aliando sua inabalável disciplina a decerto

alguma característica biológica extremamente privilegiada, é capaz de manter-se sempre com o mesmo peso, 81 kg, ideais, diga-se de passagem, para os seus 1,88 m de altura. Para se ter uma noção de tal capacidade, em pesagens quase que diárias realizadas pela equipe responsável pela preparação física dos atletas do Grêmio, durante esses já mais de dez anos de trabalho, João pesou no mínimo 79,994 kg e, no máximo, 82,057 kg! Ademais, no que toca a seu comportamento dentro de campo, João Matheus é igualmente inigualável. Ele jamais tampouco desfalcou o time do Grêmio, ou a seleção brasileira, por motivo de suspensão, pelo simples fato de que nunca em sua carreira ele recebeu um único cartão amarelo. João jamais, em nenhuma situação, como, sabemos, é comum entre os que atuam na posição de goleiro, lançou mão daquilo que se costuma chamar de "cera", ou seja, o ato de reter a bola antes de a repor em jogo através de algum tiro livre por mais tempo do que o necessário com o objetivo de preservar um resultado que seja do interesse de seu time. Quando goleiros recebem cartões amarelos, ou mesmo vermelhos, no mais das vezes tanto aqueles quanto estes são motivados pela prática de "cera", ou, ainda, por reclamações acintosas junto à arbitragem. Mas João não. Nunca faz "cera" e nem sequer gosta de falar com os árbitros ou auxiliares. Com seu estilo quase estóico, mantém-se sempre calado e concentrado, como se estivesse de certo modo alheio, distante, numa espécie de transe, apenas defendendo, defendendo e defendendo. Aliás, justamente em razão desse seu comportamento quieto, avesso a qualquer contato com a arbitragem, ele jamais aceitou usar a braçadeira de capitão, como pretendeu em certas feitas o técnico Murilo Mendes. E um outro detalhe que cabe ser registrado dentro desta estonteante profusão de cifras outrora inimagináveis que contam a história do maior arqueiro que o futebol já viu, e que igualmente agrega esta sua faceta de ser também um atleta perfeito no quesito disciplina dentro de campo é o fato de, dos

198 pênaltis que, como se disse, contra a sua meta foram cobrados, nenhum foi por ele cometido.

E, ainda dentro do assunto pênaltis, o maior goleiro do mundo em todos os tempos, e maior especialista na defesa destes que já se viu, tem ainda mais números avassaladores a serem mencionados... É que os 198 contra ele cobrados sem nenhuma conversão não incluem as disputas de pênaltis de que ele participou, onze no total, dez pelo Grêmio e uma pela seleção brasileira na copa América de 2001. E tampouco aqui ele foi vazado! Assim, somando-se as onze disputas, outras 33 cobranças vieram contra a sua meta, sendo que, destas, cinco foram para fora e uma na trave, ou seja, houve mais 27 defesas! Portanto, no total geral, computando-se também as disputas de pênaltis, foram batidos contra João Matheus em sua carreira profissional nada menos do que 231 pênaltis, 231 tiros da no futebol chamada marca fatal, e ele não tomou um único gol sequer desta forma! 36 foram chutados para fora, nove na trave e ele praticou a defesa em 179 oportunidades! Números dignos de um verdadeiro super-herói dos tempos modernos!

Como bem sabem os que acompanham futebol, mas talvez não os que não, as chamadas disputas de pênaltis são, salvo necessidade de cobranças extras em razão de eventual empate, feitas de cinco tiros livres para cada equipe. Portanto, os leitores mais incautos podem estar a pensar que, se onze foram as disputas de que João participou, 55 teriam de ser os pênaltis contra ele nessas oportunidades batidos. Esclarece-se, contudo, que assim não foi na medida em que, nas onze vezes, o Grêmio Paulistano, ou a seleção brasileira, no caso da disputa contra o Uruguai na copa América de 2001, fecharam a série sem necessidade das cinco cobranças, tendo, justamente graças às defesas de João, garantido a vitória já na terceira, ou, no máximo, na quarta cobrança. Daí o total de "apenas" 33.

Mas, se falar em João Matheus é sinônimo de se falar em recordes, há, além de todo o referido, uma perspectiva nesta

semifinal de Libertadores que é mais um motivo de expectativa e excitação para torcedores e imprensa, sem mencionar os não poucos apostadores esportivos fanáticos ao redor do mundo, sobretudo na Europa, mais notadamente na Inglaterra, onde é mais freqüente o hábito de se apostar...

Se João Matheus, como se disse, sofreu em todos os seus mais de dez anos de carreira apenas 27 gols, ele, e também, é claro, apenas ele, jamais, igualmente se disse acima, foi vazado em partidas consecutivas. Assim, com o passar do tempo, de 95 até hoje, ele foi estabelecendo recordes sobre recordes de quantidades de jogos seguidos sem sofrer nenhum gol. Naquele ano, o seu primeiro como titular do Grêmio Paulistano, João ficou dezesseis partidas invicto. No ano seguinte, chegou a 35. Numa fase entre 97 e 98, 52 partidas sem ser vazado. Depois, entre 99 e 2000, 55 partidas. Até que, no período entre julho de 2000 e outubro de 2001, ele estabeleceu o recorde que dura até hoje... 93 partidas consecutivas sem sofrer nenhum gol! E mais... Ainda que esse recorde ainda se mantenha, João jogou todo o ano de 2002, quando inclusive disputou a copa do mundo como titular, sem tomar um único gol. Sofrera um, num jogo contra o Grêmio de Porto Alegre, em dezembro de 2001, e só voltaria a ser vencido em fevereiro de 2003, contra a Ponte Preta de Campinas, exatos 88 jogos depois.

Ocorre que João Matheus hoje está a exatos 92 jogos sem sofrer gols. O último foi justamente aquele de Luís Manuel, da Portuguesa, em abril de 2004, o único atacante que mais de uma vez nele marcou. Ou seja, se passar por esta primeira semifinal da Libertadores contra o Colo-colo e pelo jogo de domingo contra o Santos pelo campeonato brasileiro sem ser vencido, João terá novamente quebrado, aos trinta anos de idade, o seu próprio recorde. E é claro que as especulações de todos, principalmente dos apostadores a que acima se referiu, vão ainda além disso... A grande pergunta é: - Conseguirá João Matheus atingir a inacreditável marca de cem jogos

consecutivos sem tomar gols? 9.000 minutos de futebol sem ser vazado? Irá ainda além? Se sim, até onde? São indagações que hoje ecoam na imprensa esportiva mundial 24 horas por dia...!

Além disso, dado que a projeção já está há muito igualmente em todas as bocas mundo esportivo afora, o histórico centésimo jogo, considerando-se que o Grêmio passe pelo Colo-colo e vá à final da Libertadores, seria justamente contra o Corinthians, o time de maior torcida de São Paulo, segunda maior do Brasil, num clássico que prometeria, assim, ser um dos mais eletrizantes da história, já que a equipe rival, obviamente, empurrada por sua grande massa, haverá de fazer de tudo para evitar a consagração do superatleta rival.

Detalhando, o 93º jogo da atual série invicta de João Matheus será, então, este desta quarta-feira contra o Colo-colo, em Santiago, pela semifinal da Libertadores; o 94º, mantida a invencibilidade, contra o Santos, domingo, na Vila Belmiro, pelo campeonato brasileiro, do qual, aliás, com as vitórias sobre o Fluminense, o Grêmio de Porto Alegre e o Goiás nas três primeiras rodadas, o Grêmio Paulistano já é o líder isolado, a caminho do pentacampeonato e do tetra consecutivo; a 95ª partida, sempre desde que mantida a série invicta, seria o jogo de volta contra o Colo-colo na Vila Alpina; a 96ª contra o Botafogo do Rio, também na Vila Alpina, pelo brasileiro; o 97º jogo, contando-se, como se disse, com a classificação para a final da Libertadores, seria contra o classificado da outra semifinal, LDU ou River Plate, este o jogo de ida, já que tem o Grêmio a vantagem de decidir em casa, em Quito ou Buenos Aires; o 98º contra o Atlético Mineiro, no Mineirão; o 99º seria a finalíssima contra LDU ou River Plate, então o jogo de volta, na Vila Alpina; e, então, o 100º, pela sétima rodada do brasileiro, contra o Corinthians, no estádio do Morumbi. Sem dúvida, se a projeção se confirmar, tanto quanto o milésimo gol de Pelé, um momento para ficar marcado para sempre na história do futebol.

Findo o coletivo, 90% da citada pequena multidão de jornalistas cercava João Matheus. Ainda que isso por óbvio já fosse corriqueiro, a perspectiva da nova quebra de recorde do goleiro, talvez até mais do que a do próprio pentacampeonato consecutivo da taça Libertadores, fazia com que João cada vez mais se visse literalmente cercado de microfones, câmeras e flashes. Poucos eram os que entrevistavam outros atletas. Mesmo os demais destaques do time, como o zagueiro e capitão Nostradamus, o armador Patagônia ou o atacante Fernandinho, artilheiro do time na Libertadores, e mesmo o técnico Murilo Mendes, eram desta feita pouco assediados. Todos queriam mesmo era ouvir as palavras de João, que, com sua calma, educação e sobriedade peculiares, procurava pacientemente atender a todos...

- João, você se sente ansioso pela perspectiva de quebrar o seu próprio recorde?
- Não. Eu sinto a ansiedade natural de um jogo difícil e decisivo, como será este de amanhã em Santiago. O recorde, se vier, será bem-vindo, mas não é o foco. O foco é a vitória do Grêmio após as duas partidas e a classificação para a final.
- Mas você tem consciência, João, de que a torcida do Grêmio, e mesmo o torcedor brasileiro em geral que aprendeu a te admirar por tudo o que você já fez, todos estão confiantes de que você vai se superar e quebrar esse recorde, chegando, até, inclusive, aos 100 jogos sem levar gols?
- Eu acho que para a torcida é um grande barato essa coisa do recorde e tal, mas repito que o foco é a vitória. Se o recorde vier, é claro que ficarei feliz junto com a torcida. Mas o importante mesmo é a busca deste novo título da Libertadores!
- Mas, João, sinceramente, você ficará decepcionado se sofrer um gol amanhã?
- Se o Grêmio vencer, não.
- Mas não seria uma frustração, João, por pequena que fosse? Afinal falta tão pouco para você chegar aos 100 jogos...

- É claro que seria um número maravilhoso! Mas, vejam, eu já tenho a felicidade de ter o recorde mundial de 93 partidas sem levar gols. Então, se eu chegar a 100, ou 110, ou 120, vou ficar extremamente feliz e orgulhoso. Mas, se não chegar, tudo bem também! Mesmo que eu tome um gol amanhã em Santiago e não consiga quebrar o meu próprio recorde, eu já me sinto um privilegiado por ter esse recorde. Já é uma marca muito boa, que me enche de orgulho! Então, não haverá nenhuma frustração. Se eu levar um gol mas o Grêmio vencer e for à final, e, principalmente, se a gente conseguir esse pentacampeonato inédito, para mim é o que realmente importa!

Pacientemente João Matheus conversou com os jornalistas por cerca de dez minutos. Depois, com a educação de sempre, pediu licença e pôs-se a se dirigir para o vestiário. Era hora de tomar seu banho e arrumar suas malas. Ia. Foi quando, enquanto caminhava, à beira do belo gramado do centro de treinamento do Grêmio no Parque do Carmo, aproximou-se dele um último jornalista. Apresentou-se rapidamente, Eduardo, Eduardo Lago, aparentava a mesma idade de João, uns trinta anos, talvez pouco mais, e usava, como todos os demais ali, um crachá de jornalista credenciado com a devida autorização do clube. João, de que se lembre, jamais o havia visto antes.

- Eu sou fotógrafo. – disse o tal Eduardo – Trabalho para a revista "Paradoxo".
- Eu peço desculpas, amigo... – respondeu João Matheus sem parar de caminhar rumo ao vestiário – Mas é que o ônibus para o aeroporto vai sair às oito e meia... Ainda tenho que arrumar minhas coisas e jantar... Quem sabe num outro dia a gente possa conversar...
- É que na verdade – continuou o sujeito agora a literalmente seguir João – eu apenas gostaria que você desse uma olhada numas fotos... Acho que vai se interessar...
- Fotos? – indagou o maior goleiro do mundo em todos os tempos, sempre educado mas sem dar muito crédito ao sujeito

que se dizia de uma revista de razoável circulação, mas não do mundo esportivo, e que o abordava num momento agora já quase impróprio...

- Sim! Aqui estão! – disse então o tal Eduardo, estendendo um envelope grande e pardo na direção de João Matheus.

- Mas que fotos seriam essas? – perguntou João sem ainda pegar o envelope, a poucos passos da entrada do vestiário.

- Não precisa olhar agora! Guarde e dê uma olhada quando tiver um tempo...!

Quase no limite de sua educação e paciência, e sem parar de andar, João olhou para o tal Eduardo já com alguma ironia nos olhos...

- Mas não vai nem me dizer do que se trata? Parecem ser fotos muito importantes...

Eduardo calculou as palavras...

- Digamos que são fotos que talvez possam dar uma pequena guinada na tua carreira...

João ouviu aquilo e não olhou para o impertinente interlocutor. Baixou o olhar e pensou consigo o que faria ali um maluco como aquele. Consolou-se no instante seguinte ao dar-se conta de que, sim, já havia conhecido malucos aos montes mundo afora. Jornalistas sobretudo. Mas Eduardo então acrescentou...

- São algumas fotos tuas com a tua prima...!

De repente sério, a cinco metros da porta do vestiário, João agora parou e encarou o estranho...

- Prima?

Não obstante o fazer num monossílabo, Eduardo esperou uma razoável pausa antes de responder...

- Sim.

João Matheus continuou olhando sério.

- Que prima?

Outra pausa e Eduardo respondeu perguntando agora algo irônico...

- Você tem muitas primas?

João continuou a encarar o sujeito. Sentiu no peito uma pontada de adrenalina e não respondeu. Eduardo, então, ciente de que o goleiro já sabia de quem ele falava, disse afinal o que ele agora até já esperava...

- Refiro-me à Gabriela. São fotos tuas com a tua prima Gabriela.
- Gabriela?
- Sim. Você tem uma prima que se chama Gabriela, não tem?

O para muitos maior jogador de futebol de todos os tempos tentou disfarçar o seu já nervosismo...

- Sim... Mas que fotos são essas? São de alguma festa? De algum restaurante? Algum evento em que estivemos juntos?

Estendendo ainda mais o envelope, praticamente o pondo nas mãos de João, disse Eduardo...

- Como eu disse, são fotos que podem afetar um pouco a sua carreira... É melhor que você veja com calma...

João Matheus enfim segurou o envelope. Instintivamente o apalpou.

- Eu apareço aqui no treino da sexta! – finalizou o tal sujeito - Quem sabe dê para a gente conversar um pouco mais... Boa viagem e bom jogo lá em Santiago!

Eduardo virou-se e já se afastava. Tenso, eis João Matheus à porta do vestiário a segurar aquele envelope em suas mãos, já pedindo aos céus para que não se tratasse do que claramente parecia...

2

Eram sete e meia da noite. Com extrema dificuldade para se concentrar, Maurinho jogava vídeo game no computador no quarto de seu irmão mais velho, Marcos. Desde o sábado, quando tudo aquilo havia acontecido, ele simplesmente não suportava ficar perto de suas mães, de sua matrícia sobretudo, e mesmo Marcos parecia não ter o que fazer além de falar em sua cabeça quando estavam juntos. Apenas sua irmã, Monique, poupava-lhe os ouvidos de sermões e mais sermões, dramas e mais dramas, ladainhas e mais ladainhas. Durante aqueles quatro dias, seu lar havia se transformado num ambiente simplesmente insuportável, e Maurinho, em seu íntimo confuso e atordoado, secretamente só pensava nela... Ingrid! Ingrid, Ingrid, Ingrid!

O vídeo game era de guerra. Mas, conforme dito, o garoto não conseguia se concentrar. Dezenas de vezes já havia morrido todas as mortes a que tinha direito e recomeçado o jogo. A cada dois ou três minutos, estava tão longe que já nem olhava para o monitor e terminava por se ver num clima de futebol, a grande paixão de seu irmão. Sim, em todas as paredes do quarto,

pôsteres do Grêmio Paulistano e de João Matheus, seu ídolo maior. Goleiro do Jesus Salva, um time de várzea formado por evangélicos, Marcos tinha no ícone gremista o seu grande espelho. Jamais conseguiu se profissionalizar mas não se importava. Jogava com amor e dedicação pelo Jesus Salva e era extremamente atuante nos trabalhos de ajuda comunitária às populações carentes que a igreja fazia a partir daquilo que era arrecadado nas atuações do time, razoavelmente popular nas periferias da zona leste de São Paulo. E, sim, mesmo o grande João Matheus não sendo evangélico, mas católico não muito praticante, como algumas vezes teve a oportunidade de declarar, Marcos aprendeu a admirá-lo incondicionalmente não apenas por ser ele o melhor do mundo mas também por sua conduta exemplar como atleta e cidadão. Bem defronte da visão de Maurinho, na parede, atrás e um pouco acima do monitor do computador, uma foto do irmão abraçando o seu grande ídolo, João Matheus, tirada no CT do Grêmio no Parque do Carmo em 2004, logo após a o conquistou do tetracampeonato da Libertadores de modo consecutivo.

Maurinho ouviu quando soou a campainha do sobrado. Eram agora quase oito da noite. Sim, sem dúvida haveria de ser o tal pastor. Ele não se mexeu dali mas a rigor já nem jogava. Apenas olhava prostrado, triste, envergonhado, confuso, tenso, ausente, para os pequenos soldados que carregavam seus fuzis e às vezes pisavam em minas terrestres dentro do monitor, com elas voando pelos ares. Sim, pensava em Ingrid, só nela. Como haveria tudo de ser daqui para a frente? Passaram-se alguns minutos. Cinco, dez, doze, quinze, até que, finalmente, como ele já esperava, a porta se abriu à sua esquerda. Era Marcos. Suas mães e o tal pastor já haveriam de estar à sua espera na sala. Apenas Monique não estava em casa. Havia saído com a namorada.

- É pra você descer. – disse grave o irmão.

- Já estou indo... – respondeu tímido Maurinho – Só vou desligar aqui...
- Vai! Desliga! Eu te espero!

Marcos deixou claro que não era para haver qualquer enrolação. O pastor estava lá e Maurinho deveria descer imediatamente. E, como que para aumentar ainda um pouco mais a sua vergonha, o irmão mais velho decididamente se dispunha a escoltá-lo inclusive.

Desligado o computador e vencida a escada abaixo, eis Maurinho e Marcos na sala da casa. Lá, além de suas mães, Eunice e Ana Augusta, um homem moreno, alto e forte, que vestia um terno simples porém impecável e a segurar na mão esquerda um livro grosso envolto por uma capa de couro preto, sem dúvida a bíblia. Disse Eunice a Maurinho...

- Filho, este é o pastor Azimute.

Sorridente, o pastor estendeu a forte mão direita a Maurinho que, deslocado, apertou-a sem muita convicção.

- Boa noite, meu jovem! – disse o pastor com energia.
- Boa noite. – respondeu o adolescente com timidez.
- Que deus o abençoe em nome do senhor Jesus!

Maurinho largou a mão do pastor e, sem saber o que fazer, agradeceu com a cabeça. Ordenou-lhe então Ana Augusta...

- Diga “amém”, Maurinho.

Em voz contida, ele a obedece...

- Amém.
- É um belo rapaz! – diz às mães o pastor Azimute, trazendo quase sorrisos às bocas de ambas. Depois a Maurinho perguntou...
- Com quantos anos você está, meu jovem?
- Dezesseis.
- Que maravilha! Que bela idade! Deus seja louvado!
- É o nosso temporão! – disse Eunice, tentando, apesar da situação, mostrar-se orgulhosa da cria.

- Sim! – acrescentou Ana Augusta – Tivemos o Marcos e a Monique, e íamos parar por aí... Mas aí o Maurinho resolveu aparecer...!
- Um presente de deus, sem dúvida! – ressaltou o pastor – A moça está com que idade?
- O Marcos fez 27 no mês passado, não é, Marcos?
- Sim.
- E a Monique faz 27 também daqui a dois meses!
- Que beleza! Que família maravilhosa que vocês têm!
- Pena que a Monique não está em casa para o senhor vê-la... – disse Eunice.
- Pois é... Saiu com a namorada. – explicou Ana.
- Uma pena... – assentiu o religioso – Mas não faltará oportunidade...! Além disso, eu me lembro dela nos cultos... Ela costuma ir, não?
- É... Na verdade não tanto quanto nós gostaríamos... – disse Ana Augusta - Mas sempre que pode, ela vai...!
- Eu entendo. Atribulações da juventude...!
- Sim. Ainda mais que ela está no último ano da faculdade, sabe, pastor?
- É mesmo? Mas que maravilha! E o que ela cursa?
- Letras! No fim do ano forma-se em letras!
- Amém! Deus há de fazer dela uma grande profissional!
- A Monique sempre foi apaixonada pelas letras, pastor, pelos livros! – disse Eunice, da filha, isso sim, orgulhosa sem qualquer hesitação.
- Sim! – confirmou-lhe a esposa também com orgulho – Desde pequena sempre com um livro na mão!
- Será, sem sombra de dúvida, uma grande professora, que levará muita alegria e conhecimento a seus alunos! E certamente – disse então Azimute a brandir a bíblia de couro – logo haverá de apaixonar-se perdidamente por este livro aqui, o mais importante de todos!
- Amém! – disse Ana Augusta.

- Amém! – também Eunice.
- Amém! – Somou-se Marcos.

Maurinho não disse nem ia dizer nada. Era claro, e nem podia ser diferente, o seu desconforto na situação. A seguir, contudo, fortemente pressionado por incisivos olhares de suas mães e irmão, disse também, sempre tímido...

- Amém.
- Bem... – disse então agora decidido Azimute – Mas se a moça, a sua filha Monique, já está tão bem encaminhada pelos desígnios de deus, é com o jovem aqui que eu vim para conversar... – E, pondo as mãos nos ombros de Maurinho – Que tal se todos nos sentarmos?
- É claro! Por favor, pastor Azimute... – disse Ana Augusta, indicando o sofá.
- O senhor aceita alguma coisa? – ofereceu Eunice.
- Água! Se tiver água, eu aceito um copo, por favor. A água é sempre uma bênção do senhor!

Sentaram-se os quatro, Maurinho, sua matrícia, Ana Augusta, seu irmão Marcos e o pastor Azimute, nos dois sofás e numa das poltronas da sala da casa de classe média da família Ramos. Eunice foi até a cozinha e rapidamente voltou com uma bandeja onde havia uma jarra de água e cinco copos. Começando pelo pastor, serviu a todos, inclusive a si. Maurinho, Marcos e o pastor deram alguns goles. As duas mães por enquanto não. Posta a bandeja na mesa de centro, sentou-se Eunice na poltrona que havia ainda vaga. Após uma pequena mas incômoda pausa, disse enfim Ana a Maurinho...

- Maurinho, meu filho... Como você sabe, o pastor Azimute, que faz esta especial gentileza em vir hoje aqui à nossa casa, exerce o seu ministério na igreja da Luz Maior aqui no bairro, onde sua mãe, seus irmãos e eu frequentamos.

Maurinho olhou e fez que sim com a cabeça. Continuou Ana Augusta...

- O pastor Azimute é um homem muito bom, muito preparado e que tem muito conhecimento sobre a bíblia, a religião enfim, e que há muitos anos vem ajudando muitas pessoas com problemas, com todo o tipo de problemas, não é verdade, pastor?

- Com a misericórdia de deus! – respondeu o pastor Azimute. Enquanto Marcos, quieto, triste e emocionado, já sentia seus olhos quentes e úmidos, Ana Augusta seguiu dirigindo-se ao outro filho...

- E, depois do que aconteceu no sábado, sua mãe e eu, depois de muito refletirmos, resolvemos procurar o pastor para pedir orientação, para que ele, enfim, nos ajude a te ajudar, meu filho, para que você encontre o caminho do que é certo...!

Também já emocionada, vertendo uma lágrima, acrescentou Eunice ao que disse a esposa...

- Nós queremos te ajudar, meu filho! Porque nós te amamos! Nós te amamos muito! Não queremos que você se desvie na vida! Não queremos que você faça coisas que certamente no futuro te trarão muita dor e sofrimento...!

- É importante, meu jovem, - disse então a Maurinho o pastor – que você saiba que ninguém aqui, nem suas mães, nem seu irmão, e muito menos eu, está te condenando por nada. Muito ao contrário, estamos aqui para te ajudar, para, baseados na palavra de deus, mostrarmos o caminho a seguir, o caminho para a felicidade, para a realização e a plenitude!

- Você ainda é tão jovem, meu filho... – disse Eunice tentando conter as lágrimas – Tem tanto tempo, tanta coisa pela frente...

- Sim! – concordou o pastor – E todos nós, meu jovem, erramos nesta vida. Todos nós falhamos, fazemos às vezes opções erradas, passamos por percalços, tomamos desvios que não nos levam a nada... Mas, para quem tem fé, como sei que você é capaz de ter, nada é impossível! Deus, em sua enorme misericórdia, sempre acolhe de braços abertos a quem tem fé! Deus é sempre capaz de mudar a vida de qualquer um de nós!

De operar milagres na vida de quem quer que o procure e se entregue de coração!

Sempre tímido, em parte por sua própria natureza mas muito mais pelo embaraçoso da situação, Maurinho, olhando então para ambas, indagou afinal de Eunice e Ana Augusta uma confirmação do que já estava claro...

- Vocês... Vocês então falaram para ele sobre o que aconteceu?

Com a cabeça, ambas o confirmaram ao filho. Disse Eunice...

- Mas ele está aqui para ajudar, meu filho! Como disse a tua matre, para nos ajudar a te orientar, para nos ajudar a te ajudar neste momento...!

O desconforto do rapaz, que já era claro, agora ainda mais saltava aos olhos de todos. O pastor Azimute, afinal, fosse ele quem fosse, era ainda para Maurinho um estranho. Percebendo o referido desconforto, disse então o religioso em auxílio a Eunice...

- Sim, meu rapaz! Temos tido a oportunidade de receber na igreja pessoas com todos os tipos de infortúnios... Pessoas com doenças graves, com problemas financeiros, pessoas traídas por seus cônjuges, pessoas com parentes presos, vítimas das drogas, e também muita gente vivendo essa mesma situação que você está vivendo, Maurinho. E em todos esses casos, com a glória de deus, temos tido a oportunidade de realizar muitos milagres, resgatando, trazendo para a plenitude as vidas de todas essas pessoas...!

Maurinho sentia-se confuso e dividido. Por um lado, ainda que, de tão jovem, ele talvez nem sequer o soubesse articular, era inegável uma sensação de culpa por ver seus familiares naquele estado de ânimo desde o sábado, quando o flagrante aconteceu. Por outro, entretanto, talvez inconscientemente imbuído de seu natural espírito de adolescente rebelde, não conseguia entender porque aquilo afinal era tão errado, tão proibido, tão pecaminoso, tão condenado por tanta gente há

tanto tempo por toda parte. Após uma pequena pausa imerso nessa sua íntima contradição, disse o jovem afinal...

- Bom... Pelo que eu estou entendendo, vocês querem que eu vá à igreja...? É isso?

- Achamos que será bom pra você, meu filho! – disse Eunice.

- Sim! Principalmente neste momento, querido, depois do que aconteceu, temos certeza de que será muito bom! – falou Ana Augusta.

- É, meu irmão! – acrescentou Marcos – Quem sabe um dia você não será também um atleta do Jesus Salva... Quem sabe também um grande goleiro...! O goleiro que vai me substituir quando eu parar...!

Maurinho ouvia e pensava.

- As pessoas jovens como você, Maurinho, - disse então o pastor Azimute - têm muitas vezes uma certa tendência a pensar que uma igreja possa ser um ambiente maçante, monótono, desinteressante, pesado até... Mas é um grande engano, sabe? Na verdade, quando você começar a freqüentar os cultos, perceberá que tudo é feito com muita alegria, com muito amor, união, música, calor humano! Você irá conhecer os pastores, os obreiros, os fiéis, e pode ter certeza de que todos receberão de braços abertos! Você fará muitos amigos! Rapidamente, e eu tenho plena certeza disso, a igreja se tornará a tua segunda casa, Maurinho!

- É a segunda casa da nossa família, meu irmão! – disse Marcos – Minha e das nossas mães! Será certamente também a tua!

- Você sabe, meu filho, – disse Eunice com doçura – que apesar de sua matre, seu irmão e eu, e também, ainda que um pouco menos, a sua irmã, sempre termos freqüentado a Luz Maior, nós nunca quisemos forçá-lo a fazer o mesmo... Sempre preferimos esperar que você mesmo sentisse o momento de ter essa iniciativa... Mas agora, meu filho, nós realmente achamos que você deve ir...!

- Mas e o tal do dízimo? – perguntou Maurinho, agora preocupado – Vocês vão descontar da minha mesada?
- O pastor Azimute, sua mãe e eu cuidaremos disso, Maurinho. Não precisa se preocupar.
- É verdade! – socorreu o pastor – Você ainda é muito jovem, meu rapaz! Ainda não tem um trabalho, uma renda, um salário...! É apenas estudante, não é isso?
- Sim.
- Pois então! Não precisa pensar nesse tipo de coisa agora! O importante é você abrir o seu coração para deus, é você aprender a ser um homem de fé para que deus faça a sua obra na tua vida? Amém, irmãos?
- Amém!
- Amém!
- Amém!

Novamente Eunice, Ana Augusta e Marcos olham para Maurinho, que, mesmo novamente tímido, já sabia o que fazer...

- Amém.

O pastor dá mais um gole em sua água e, após uma pausa, retoma a palavra, indagando de Maurinho...

- Pois bem, meu rapaz... Que tal se nós agora conversássemos um pouco sobre o ocorrido, sobre o que aconteceu?

Maurinho não responde. Não sabe o que dizer. Claramente, e não sem razão, sente-se envergonhado. Dirigindo-se também ao filho, Ana Augusta o tenta encorajar...

- Maurinho, estamos aqui em família. Sua mãe, seu irmão e eu. E o pastor Azimute, além de ser um homem preparado e abençoado, é para nós também parte da família! Pode confiar nele! Pode nos contar tudo o que aconteceu realmente, que não vamos te julgar ou condenar...! Queremos apenas te ajudar...!
- Sim, meu jovem! – acrescentou Azimute – Queremos que você abra o seu coração! Pode abri-lo sem medo de nada!
- Todos aqui nesta sala te amamos muito, meu filho! – disse ainda Eunice.

Pausa, até que diz enfim Maurinho...

- Bem... Não sei se tem muito o que dizer... Aconteceu... É difícil explicar...

Com as narinas avermelhadas, Marcos definitivamente chora. Eunice e Ana Augusta seguram nas mãos uma da outra. Sentindo o clima, o pastor procura, tanto quanto pode, facilitar para o garoto...

- Tudo bem, Maurinho! Eu sei que é difícil falar assim, mesmo diante dos que te querem bem... Diga-me apenas então uma coisa... Há quanto tempo isso vem acontecendo?

Todos na sala se aprumam ainda mais em suas posições. Tal era o estado de nervos das mães de Maurinho, que elas nem sequer haviam se lembrado de dele indagar tal coisa, que, obviamente, muito interessava para que se tivesse a perfeita noção do quanto o jovem estava envolvido naquilo. Sempre com pouca voz, Maurinho responde...

- Alguns meses...

- Alguns meses? – rebate investigativo o pastor.

- É... – confirma Maurinho auxiliando com um gesto de cabeça o tímido monossílabo.

- Por que vocês se conhecem desde muito crianças, não?

Maurinho responde positivamente agora apenas com a cabeça. É Eunice quem completa...

- Desde muito crianças, pastor, que o Maurinho e essa menina, além de outras crianças, é claro, brincam juntos aí na rua...

Maurinho observa. Sente claramente nas palavras da mãe o desdém com que ela agora se refere a Ingrid. No silêncio de seu íntimo, veementemente a reprova.

- Vocês já moram aqui há muito tempo, não? – pergunta agora o religioso.

- Ah! Desde que nos casamos, pastor! – responde Ana Augusta – Os nossos três filhos foram criados nesta casa... O Marcos, a Monique e o Maurinho!

- Sim! – acrescenta Eunice. – Nós gostamos muito daqui, sabe, pastor?
- Ah, mas é mesmo um bairro muito bom! Deus seja louvado!
- Nós temos muitos amigos nas redondezas, pastor! Quer dizer, é claro que nem toda a vizinhança é exatamente aquilo que gostaríamos, mas... Nem tudo é perfeito não é mesmo?

Maurinho sente novamente a agulhada da mãe. Também o pastor, que então se apressa em voltar a conversa ao rumo que tinha...

- Bem, meu jovem... Então estamos falando de algo que vem acontecendo há uma coisa de meses?

Quieto, novamente apenas com a cabeça, Maurinho faz que sim, sustentando então a mentira.

- Menos mal que assim seja! – Meio que sentenciou o pastor Azimute, dirigindo-se a seguir às aflitas mães do garoto – Minhas amigas! Não se aflijam! Trata-se apenas de um pequeno desvio, certamente fruto de uma natural curiosidade, que muitas vezes faz parte da vida na juventude! Estou convencido de que, muito em breve, estando o rapaz a freqüentar os cultos, Jesus lhe estenderá a mão e ele encontrará o caminho certo! E digo-lhes mais, minhas queridas amigas... Com o tempo e o amadurecimento, o seu filho estará inclusive apto para aconselhar outros jovens que porventura passem por essa situação e que venham a procurar a igreja, ajudando-os a, assim como com ele se dará, encontrar o bom caminho, o caminho de deus!
- Nós não sabemos como agradecer ao senhor, pastor Azimute...! – disse com emoção Ana Augusta.
- Não há o que agradecer a mim! Agradeçam, isso sim, sempre, ao senhor Jesus! É ele quem vai fazer a sua obra na vida do nosso jovem aqui!
- Amém! – disse Ana.
- Amém! – também Eunice.
- Amém! – Marcos.

E, tendo novamente todos lhe olhado, ainda com pouca voz diz também Maurinho...

- Amém.

3

Eram quinze minutos do primeiro tempo em Santiago quando o atacante Cuellas do Colo-colo levou vantagem sobre o quarto zagueiro gremista Alukson e, da linha de fundo, centrou para trás. O cruzamento chegou a Escobar que, entretanto, foi travado na hora exata por Jean. Mas, espirrada, a bola sobrou na entrada da área para Sierra, que fuzilou no canto. João Matheus ainda tocou nela com a mão direita mas não conseguiu evitar que fosse às redes. Gol do Colo-colo. Para frustração dos seus milhões de fãs ao redor do mundo, o genial arqueiro, para muitos o melhor futebolista de todos os tempos, não conseguia, ao menos desta feita, novamente bater o seu próprio recorde. Exatamente na 93ª partida da série invicta, justamente quando o igualaria, João estava vazado. Por ora o mundo teria de esperar, ainda que o próprio João Matheus, como vimos, ressaltasse sempre que tanto não era o importante, o sonho dos cem jogos consecutivos sem tomar gols. Pela 28ª vez em 804 jogos como profissional pelo Grêmio Paulistano, João, para delírio dos mais de quarenta mil chilenos presentes no estádio, não conseguia evitar o tento adversário.

É mesmo curioso como diferentes circunstâncias são capazes de tornar relativas as coisas... É claro que uma seqüência de 92 jogos sem tomar gols é algo gigantesco, assombroso, um feito que chegaria a beirar o inacreditável para qualquer outro goleiro do mundo, para qualquer outro time de futebol do mundo. Mas João é João. E seus números espetaculares acumulados nesses dez anos de carreira com a camisa do Grêmio fazem, sim, ironicamente, com que dele se termine por esperar o quase impossível. Pois torcida é torcida. E, por incrível que isso possa soar, esse gol sofrido em Santiago aos quinze minutos do primeiro tempo, traz, sim, conforme dito acima, uma certa dose de frustração a milhões de admiradores mundo afora.

O primeiro tempo terminou com o placar de 1X0. Na melhor chance gremista, aos 38 minutos, Tico, após cobrança de escanteio, cabeceou contra a trave chilena. No mais, um jogo relativamente truncado, até com uma certa dose de violência, o juiz distribuiu cinco cartões amarelos, e com poucas chances de parte a parte.

Iniciado o intervalo, como era de se esperar, toda a imprensa brasileira presente no gramado correu na direção de João Matheus, que, mesmo educado como sempre, procurou desvencilhar-se dos microfones e chegar logo aos vestiários...

- João... João... Você ficou decepcionado por ter tomado o gol?

- Não. É como eu tenho dito... Se viesse um novo recorde, seria muito bom, mas não é o foco... O importante agora é a gente empatar e, se possível, virar a partida...!

- Como foi o lance do gol, João?

- Ah... O Sierra pegou muito forte, né? E eu estava com a visão um pouco encoberta... A bola veio muito rápida, eu cheguei a tocar nela, mas não consegui evitar o gol...!

Mas você achou que houve falha de marcação?

- ...

Em meio a um certo tumulto, João Matheus deixou o campo sem chegar a responder todas as perguntas. O atacante Tico e o

lateral Carlos Fabiano foram os últimos a deixar o campo. Do lado do Colo-colo, o mais assediado, sem dúvida, era o meia Sierra, autor do gol que havia encerrado com a seqüência invicta do goleiro gremista. Para os chilenos, sem dúvida, um gol histórico.

Mas, como se diz na gíria do futebol, a noite ainda traria a quebra de um outro tabu. Ou, discutir-se-ia, dois...

Assim que o árbitro uruguaio apitou o início do segundo tempo, ficou claro que o Grêmio havia voltado melhor. Logo aos dois minutos, Tico e Fernandinho entraram tabelando na área chilena e a conclusão do primeiro passou tirando tinta da trave direita. Aos cinco, o mesmo Tico cabeceia e obriga o goleiro do Colo-colo a uma grande intervenção. Aos onze, numa grande jogada de Patagônia, que passa por três adversários, é a vez do zagueiro Lopes tirar a bola quase em cima da linha. Logo depois, num rápido contra-ataque, os chilenos respondem, obrigando João Matheus a uma saída arrojada. Aos vinte minutos, numa cobrança de falta perfeita de Sierra da entrada da área, João espalma a bola que rumava com exatidão ao ângulo superior esquerdo.

O Grêmio retoma as ações e continua pressionando, até que, aos 27 minutos, vem o empate. Patagônia lança Fernandinho com perfeição, e este, na saída do goleiro do Colo-colo, toca por cobertura, sem chance de defesa. 1X1.

Com o gol gremista, o jogo voltaria a ficar morno. Parecia rumar para terminar empatado. Contudo, já na reta final, aos quarenta minutos, e com uma certa dose de ironia, a grande surpresa...

Patagônia, definitivamente inspirado neste segundo tempo, faz uma nova grande jogada, e novamente deixa Fernandinho na cara do gol, frente a frente com o goleiro chileno. Entretanto, quando o arremate era claramente a opção certa, o atacante opta por driblar o arqueiro que vinha saindo contra si. Atrapalha-se e, para desespero do técnico Murilo Mendes, que do banco

imediatamente esbraveja, perde a bola sem chegar a finalizar, desperdiçando a claríssima chance. Pior ainda, e justamente daí vem a ironia, o lance se inverte e transforma-se num incisivo contra-ataque chileno, no qual, após um parcial rechaço de Nostradamus, a bola sobra limpa, a uns três metros da entrada da área, novamente para o também definitivamente inspirado meia Sierra, que novamente enche o pé. E João Matheus, que desta feita ia inteiro para praticar a defesa, vê-se traído por um desvio de Carlos Fabiano que faz com que a bola mude de rumo e vá na direção do seu contrapé. Como inúmeras vezes já fez em lances assim, João ainda tenta voltar mas, de novo, apenas consegue tocar na bola sem, no entanto, lograr evitar que ela vá para o fundo do gol. E eis o inesperado. Colo-colo 2X1. Além de ter tido interrompida a sua série invicta de 92 jogos sem ser vazado, João, pela primeira vez em toda a sua carreira, sofre dois gols numa mesma partida.

Meio na base do abafa, o Grêmio ainda tenta uma pressão em busca do empate. No ataque, o zagueiro Nostradamus chega a acertar uma cabeçada que passa com certo perigo. Mas a defesa do Colo-colo consegue se segurar pelos minutos que faltam. Fim de jogo. Colo-colo 2X1 Grêmio Paulistano. Aos gritos de uma torcida em verdadeiro delírio, os jogadores chilenos comemoram no centro do campo como se a Libertadores já estivesse por eles ganha. Depois de quinze meses ou 92 jogos de invencibilidade, desde abril de 2004, quando da derrota para a Portuguesa por 1X0, era o primeiro resultado negativo do alvi-rubro paulistano.

Mais ainda do que no intervalo, dezenas de microfones foram novamente apontados contra João, que, sem perder a gentileza, tentou deles se desvencilhar o quanto antes...

- O que aconteceu no segundo gol do Colo-colo, João? Foi o desvio na defesa que te matou?

- É... Eu estava caindo certo mas acho que foi o Carlinhos que tentou tirar e acabou desviando... E eu não consegui voltar a tempo...!
- E você fica frustrado por não apenas ter perdido a série invicta como pela primeira vez ter sofrido dois gols num jogo?
- Faz parte...! Faz parte...! Vida de goleiro é assim mesmo...!
- João... Dá pra reverter lá em São Paulo?
- João...
- João... João...
- ...
- João...

Mas, em meio à confusão, ele já se havia ido. Nostradamus era o último gremista no gramado, e ainda atendia à imprensa...

- ... e acho que foi um jogo equilibrado, decidido nos detalhes... O Colo-colo aqui dentro é bastante forte, né? E aconteceu que o Sierra foi muito feliz em dois lances... No segundo deles foi uma situação em que nós quase marcamos com o Fernandinho e no contra-ataque quem acabou marcando foram eles... E agora é decidir lá em São Paulo...!
- Dá pra reverter lá em São Paulo, Nostradamus?
- Ah, dá! Foi 2X1 aqui. Então a gente precisa de 1X0 lá, não é isso? Vamos trabalhar, que dá pra reverter, sim! Respeitamos a equipe do Colo-colo mas eu tenho convicção de que podemos sair com a classificação lá em São Paulo...!
- E essa coisa de, depois de tanto tempo, levar dois gols? Isso mexe com o time?
- Não! Isso faz parte! É claro que, como a gente não levava gol havia 92 jogos, tinha toda aquele expectativa de chegarmos aos 100 jogos...! Mas isso fica mais para o torcedor! Pra gente o importante é o título!
- Tá ok! Este foi o zagueiro e capitão Nostradamus, o último jogador do Grêmio a deixar o gramado aqui em Santiago após essa derrota para o Colo-colo por 2X1! Vai daí, Oswaldo!

Os jogadores da equipe chilena, em contraponto, ainda levam um bom tempo para deixar o campo de jogo. Obviamente o meia Sierra era o mais assediado. No dia seguinte ele estaria na capa de todos os jornais do país como um verdadeiro herói. E, para os não poucos que se dedicam a esse tipo de polêmica dentro do mundo do futebol, duas questões referentes ao segundo gol, dadas as circunstâncias em que aconteceram, ocupariam por muito tempo as mentes e bocas mais especializadas...

É que esse segundo gol, como se viu, nasceu de um chute dado pelo meia Sierra de fora da área, mas que desviou no lateral Carlos Fabiano, que estava, ele sim, dentro da área, e acabou vencendo a João Matheus. Questionava-se então se deveria ser considerado gol de Sierra ou gol contra de Carlos Fabiano. Se o gol tiver sido de Sierra, então não apenas João Matheus teria sido vazado duas vezes numa mesma partida, como, pela primeira vez, um mesmo jogador teria feito dois gols contra ele numa mesma partida. Luís Manuel, da Portuguesa de Desportos, lembremo-nos, era o único a até então ter feito dois gols em João, mas em jogos diversos. Ademais, considerando-se o gol como do meia chileno, era também a primeira vez em sua carreira que João Matheus sofria um gol de fora da área.

Argumentava-se desde já que, numa situação assim, a recomendação da fifa era que se anotasse o gol para o atacante e não para o defensor que apenas desviou a bola na clara intenção de a interceptar. E, de fato, de acordo com essa recomendação, o árbitro do jogo creditou o gol a Sierra. Muitos, por outro lado, diziam e ainda muito diriam que o desvio de Carlos Fabiano, já dentro da área, ainda que obviamente com o intuito de rechaçar o arremate para longe do gol, foi decisivo para que a bola vencesse a João, e então não se poderia considerar aquele como um gol sofrido de um arremate de fora da área, ainda mais que era também notório que João claramente ia na direção correta

para agarrar a bola antes que ela fosse desviada. Mas é claro que, como é de praxe acontecer nesta seara, a discussão iria longe e não teria conclusão.

Ainda no Chile, ainda no estádio Nacional de Santiago, antes do embarque para o aeroporto, para onde a delegação do Grêmio seguiria direto, o único a falar com a imprensa foi o técnico Murilo Mendes, que concedeu uma entrevista coletiva...

- Ratazana... A que você atribui a derrota desta noite?

- Olha... O futebol é um esporte que se decide muitas vezes num lance, num detalhe... Eu acredito que o jogo foi equilibrado... Talvez um jogo onde o empate teria sido o mais justo... Mas em dois lances eles foram felizes, ao passo que nós acabamos desperdiçando algumas chances que tivemos e fomos felizes uma só vez, com o Fernandinho... Então acho que não tem muito o que explicar...

- Mas, Ratazana... Você falou num jogo equilibrado, decidido no detalhe, e de fato foi assim... Contudo o Grêmio sempre tem a seu favor um ponto de desequilíbrio, que é o João Matheus...

- Claro...

- Como fica essa coisa de, pela primeira vez na carreira, ele ter sofrido dois gols? Isso mexe com o time?

- Não, de modo algum! O João Matheus é um fenômeno inigualável! Para nós ele é o maior jogador de futebol do mundo de todos os tempos! Os números dele estão aí, todos vocês conhecem. O que ele já fez pelo Grêmio é algo absolutamente histórico! Agora, é preciso que se entenda que mesmo o maior jogador do mundo não é máquina! É um ser humano! Ele tem todo o direito de levar gols, como todo goleiro leva...! Tem todo direito de falhar às vezes, como todos nós falhamos...!

- Mas você acha que ele falhou em algum dos gols?

- Não! Claro que não! Foram duas bolas indefensáveis! Na primeira o Sierra estava cara a cara! Na segunda, o João estava caindo certo mas teve aquele desvio do Carlos Fabiano...! É que as coisas muitas vezes são engraçadas, né? O João construiu

uma carreira tão brilhante, tão maravilhosa, já fez tantas defesas absurdas, que, quando ele sofre algum gol, mesmo que seja uma bola indefensável, alguém já começa a dizer que ele possa ter falhado...! Nada disso! Goleiro nenhum no mundo pegaria aquelas duas bolas...! E olhem que quase que ele pega, né? Nas duas ele ainda chegou a tocar...! O que eu quis dizer foi que, mesmo que ele tivesse falhado, ele é um ser humano, como todos nós, e tem todo o direito de falhar, se um dia falhar...! E ele sofrer dois gols em lances em que claramente não falhou, normal...! Normalíssimo!

- Agora... Falando não especificamente do João, mas do time do Grêmio como um todo... Você acha que o fato de ter sofrido dois gols num mesmo depois de tanto tempo pode de algum modo abalar a confiança da equipe?

- Não! De modo algum! Que fique claro que nós apenas perdemos um jogo! É claro que vínhamos numa seqüência maravilhosa, com o João e toda a nossa defesa fazendo história, mas nós apenas perdemos um jogo! Mais dia, menos dia, iria acontecer... Ninguém pode ganhar todas! E nós perdemos fora da nossa casa, para um time forte, como é o Colo-colo, e perdemos por 2X1! Não fomos goleados! Ou seja, não ocorreu nenhuma tragédia! Uma vitória por 1X0 na semana que vem nos coloca na final! E, depois, o nosso time já tem experiência bastante em jogos decisivos...! Então, eu insisto... Foi uma derrota normal, para um adversário forte, que é o Colo-colo aqui em Santiago, mas que não nos abala em nada! Nós vamos buscar a vitória em São Paulo para atingirmos o nosso objetivo de ir mais uma vez à final!

- Ratazana... Além do Jean, que tomou o terceiro cartão amarelo, você pensa em algum mudança no time para o jogo de volta?

- Por enquanto, não! É pouco provável...

- No lugar do Jean entra o Vílson?

- Ainda não sei. É uma possibilidade. Até a quarta que vem, isso será definido...! Por ora, vamos afastar um pouco o foco da Libertadores e pensar no compromisso que temos domingo em Santos...!

4

Sensível, o seu Elias percebeu de cara que sua velha e grande amiga não estava nada bem. Algo certamente muito a angustiava. Chegava a parecer até que havia chorado e estava-lhe claro que aquela visita de surpresa no final da tarde tinha por motivo uma premente necessidade de desabafo. Enquanto preparava um café, ele a observava pensativa e distante à mesa da cozinha. Despejando a água no coador já com o pó, ele pensa em fazer um comentário qualquer. Vem-lhe à mente futebol, já que, nesta quinta-feira em São Paulo, parece mesmo que não se fala em outra coisa...

- E o jogo ontem? Você viu?
- Ah... Vi um pouco... Lá em casa quem gosta mesmo é o Marcos...! Esse não desgrudou da tv...!
- Quem diria, né? O João Matheus levar dois gols no mesmo jogo!?! Parece que isso nunca tinha acontecido, né?
- Pois é... O Marcos hoje de manhã não falava noutra coisa...
- É... Nem mesmo o melhor goleiro do mundo pode sempre defender todas, né?
- É... Perfeito só Jesus, Elias...! Só o nosso senhor Jesus...!

Faz-se uma pausa incômoda. Enquanto termina de fazer o café, Elias procura alguma outra coisa para dizer. Pelo tom com que Ana Augusta fizera o último comentário, futebol não parece ser assunto que renda.

- E a Eunice, como está?

Ana Augusta responde sem qualquer empolgação...

- A gente vai indo, né, Elias?
- Tudo bem lá com as marmitas?
- É... Não podemos nos queixar... Com a glória de deus, fechamos um contrato novo para fornecer para uma tecelagem, sabe?
- Fornecer para o almoço?
- Sim. Para o almoço dos funcionários.
- Quantos? Quantos funcionários?
- Setenta. Setenta marmitas por dia.
- Bom, hein? Muito bom!
- De modo que, nessa parte, graças a Jesus, as coisas estão caminhando...!

Elias senta-se à mesa diante da amiga. Puxa do canto da mesa para perto de ambos o açucareiro. Serve-se dele ela e depois ele.

- E a Monique?

Pela primeira vez desde que chegou Ana Augusta esboça uma positividade em sua expressão, que, de todo modo, não chega a ser um sorriso...

- A Monique está ótima, Elias! Graças a deus! Tão animada com a proximidade da formatura, que dá até gosto de a gente ver, sabe?
- Como passou depressa, não?
- Ah, sim! Parece que foi ontem que ela começou a faculdade...
- É... O tempo voa, amiga!
- E como!

- Tenho certeza de que a Monique será uma grande profissional, Ana Augusta! Ela é realmente uma menina de ouro!
- Pois é... Sabe que muitas vezes, Elias, a Eunice e eu ficamos preocupadas com a Monique pelo fato de ela não freqüentar muito a igreja, sabe?
- Hum...
- Nós sempre quisemos ter os nossos filhos perto de deus.

Elias tem a impressão de ver uma lágrima querer brotar dos olhos da amiga que lhe fala após essa sua última frase. Nada diz a respeito contudo. Faz-se uma rápida pausa, mas logo ele emenda...

- É o que sempre esperam todas as mães, Ana Augusta.
- Sim! Então às vezes a gente ficava preocupada com ela...
- Mas a tua filha, amiga, ainda que não freqüente a igreja tanto quanto você gostaria, é uma moça que tem deus no coração! Todos os que a conhecemos sabemos disso, Ana Augusta! E isso é o que realmente importa!
- Sim, é verdade, Elias! Graças a deus!
- E, com o passar do tempo, depois dessas atribulações todas de faculdade, formatura e tal, quem sabe ela não acaba se voltando também para a igreja... Ela ainda é tão jovem, minha amiga...! Tem todo o tempo do mundo...!
- Amém, meu amigo! Amém!
- Elias já bebeu quase todo o seu café. Ana Augusta, um terço do seu. Afinal, após uma nova pausa, ele a encoraja a dizer o que quer que seja que tão claramente a angustia e sobre o que tanto parece precisar desabafar...
- Amiga...

Ela olha nos olhos dele.

- Acho que já nos conhecemos um pouco, não? – ele diz enfim.
- É... Acho que sim... – responde ela triste.

- Então, o que quer que seja, que tal você me dizer o quê que está acontecendo? Ou você acha que não deu para eu notar que você está quase chorando?

Ela literalmente, de fato e de novo, quase chora ao ouvir aquelas palavras. Socorre-se de mais um gole no café. Ele a encoraja tocando-lhe de leve com a mão a mão...

- O que é que está acontecendo, que nem falar sobre o sucesso da Monique tira essa angústia do teu rosto?

Ana Augusta olha bem dentro dos olhos de seu grande e velho amigo. Ele ainda emenda...

- Ou você acha que eu ainda não percebi que, seja o for, você veio aqui para desabafar, para procurar um ombro amigo?

Ela dá um novo e longo gole na xícara de café e finalmente diz...

- É... Você está certo, meu amigo. Acho que você me conhece mesmo... Nós até já desabafamos com o pastor Azimute, sabe? Mas, por mais que ele nos tenha trazido conforto, um velho amigo como você é sempre um velho amigo...!

- Então abra o seu coração, minha velha amiga. Eu estou aqui para te ouvir...!

Após outra longa pausa, e já sem conseguir segurar uma lágrima que junto com as palavras afinal vem, Ana Augusta diz enfim...

- Elias... Está acontecendo uma coisa horrível conosco.

Elias faz uma expressão preocupada.

- Nossa, amiga! Falando desse jeito você me assusta...! É alguma coisa de saúde? Alguém está doente? A Eunice está doente?

- Não. Não é isso.

- Bom... A saúde é sempre o mais importante, Ana Augusta! Não sendo isso, o resto se resolve...!

- Amém!

- O que será então? Não vá me dizer que vocês duas estão com problema no relacionamento...?

- Também não é isso, Elias. Ao contrário, quanto mais o tempo passa, mais a Eunice se mostra uma companheira maravilhosa...! Deus me iluminou para que eu me casasse muito bem...!

Elias liqüida o seu café.

- Bem, amiga... Se está tudo tão bem com a Monique, tudo tão bem entre você e a Eunice, se na parte financeira está tudo bem... Resta-me então supor que, para você estar assim tão angustiada, algo acontece com o teu filho...

Ana Augusta responde afirmativamente com a cabeça.

- Puxa, Ana Augusta! O Marcos sempre foi um rapaz tão centrado, tão responsável... Religioso, trabalhador, esportista... O quê que está acontecendo com ele, amiga?

Pausa. O olho dela que não derramara a lágrima agora empata com o que o fizera.

- Não é o Marcos, Elias...
- Ah, não? É o pequeno, então? O Maurinho?
- Sim... – diz ela enfim quase que suspirando – O Maurinho.
- Puxa vida! Com que idade está o Maurinho mesmo, Ana Augusta?
- Dezesseis.
- Nossa! Dezesseis anos já? O tempo passa mesmo, não, amiga?
- Demais, Elias! Demais! Parece que ainda outro dia era o nosso bebê...
- Mas o quê que está acontecendo com ele, amiga? A adolescência é sempre uma fase conturbada...!
- É, eu sei... Mas há certas coisas, Elias, que, por mais se ouça falar que estejam acontecendo por aí, e muito até, a gente nunca espera que seja com a gente, com um filho da gente, não é mesmo?
- Sim, isso é verdade. Quando é com a gente, a coisa é bem diferente...

Ana Augusta beberica do café. Sentindo a dificuldade da amiga, ainda mais por se tratar de algo com seu querido caçula, Elias a vai sondando aos poucos, aos poucos a encorajando a pôr afinal para fora o que quer que seja...

- Mas o que exatamente aconteceu com o Maurinho, Ana, para te deixar desse jeito? Terá se envolvido com más companhias...? Problemas na escola...? Drogas talvez...?
- Não. Não é nada com drogas.
- Que bom!
- Se bem que, não sei, viu, Elias? Se ele estivesse fumando maconha ou algo assim, talvez fosse até menos preocupante...
- Nossa, amiga! Assim você me assusta mesmo...!
- Eu também estou muito assustada, Elias. A Eunice e eu estamos muito assustadas. A verdade é que, mesmo com toda a nossa fé, nós estamos com medo...! Deus me perdoe por estar dizendo isso, mas o fato é que estamos...!
- Bom... Se o problema não é drogas, amiga...? O que seria então...?

Ela ainda hesita. A dificuldade em falar a respeito é muito grande.

- Confie em mim, Ana Augusta. – ainda encoraja ele a ela - Puxa vida... Nós somos amigos, não somos? E há muito tempo! O que foi? O Maurinho aprontou algo grave na escola?

Ela olha fundo nos olhos daquele amigo em quem tanto confia. Como praticamente em ninguém, Ana Augusta confia nele. Diz enfim...

- Você falou em más companhias...
- Sim... Tem a ver com isso?
- É... Sim... Tem a ver com isso...
- Entendo...

Ela dá mais um gole do seu café. Os dois se olham cheios de afeto. Oferecendo a ela um guardanapo de papel para que enxugue as lágrimas, ele segue encorajando-a a continuar...

- Más companhias na escola?

Aceitando de bom grado o guardanapo, e após o passar de leve pelo rosto, ela diz...

- Não, Elias. O problema também não tem nada a ver com a escola...

- Menos mau.

Num último gole, Ana Augusta enfim liqüida o café que ainda tinha na xícara. Suspira. Após pausa, e sempre lentamente, Elias segue a incentivando ao desabafo...

- Mas então, amiga... Se o problema não é na escola, que más companhias seriam essas que estão atrapalhando a vida do Maurinho...? De onde seriam elas...?

Pausa. Tentando se refazer, Ana ainda usa o guardanapo contra as lágrimas.

- Desculpe-me, Elias. Desculpe-me por eu estar sendo tão reticente... É que realmente não está sendo fácil para mim falar neste assunto...

- Está tudo bem, Ana! Entre nós não é preciso pedir desculpas...!

- Obrigada. – responde ela comovida.

- E eu só estou perguntando para te incentivar a falar... Porque, pelo que eu entendi, você gostaria de se abrir a respeito, de desabafar, enfim...

- Sim, claro! Eu quero falar, sim, Elias! Eu preciso falar! Preciso me abrir com um amigo como você...!

- Pois pode falar no ritmo que você quiser. Como se sentir melhor.

- Obrigada, meu amigo. Muito obrigada.

Ela respira fundo. Suspira.

- Desde que o Maurinho era bem garoto – diz enfim – ele tem amizade com uma menina lá da rua... Sempre brincaram juntos, ela sempre foi lá em casa, ele sempre na casa dela, coisa e tal...

- Hum-rum...

- E, na verdade, no começo, desde quando ela se mudou lá para a rua e os dois fizeram amizade, a Eunice e eu implicávamos um pouco com ela, sabe?
- Implicavam com a menina?
- É... E não éramos apenas nós, sabe? Outras mães de outras crianças lá da rua também torciam um pouco o nariz para com a Ingrid...
- Ingrid? O nome dela é Ingrid?
- É. Ingrid.
- E por que tanta implicância com a Ingrid, Ana? Não era uma criança? Não é ainda uma criança? Ela é da idade do Maurinho, não é?
- Sim. Tem a mesma idade dele.
- Então... Por que a rejeitavam assim?
- Sabe aquela velha história, Elias, de os filhos meio que pagarem pelas mães?
- Entendi. É das mães dela que você não gosta, então...?
- Ela vive com a mãe. Nós nunca conhecemos a matrícia. Parece que se separaram logo que a Ingrid nasceu...
- Hum-rum.
- E o fato, Elias, é que a mãe da Ingrid nunca teve lá uma vida muito certa, entende?
- Como assim?
- Ah... Um entra e sai de mulherada na casa...
- Mulherengona?
- Demais! Demais, demais, demais!
- Sei...
- A nossa vizinhança sempre foi tão familiar, entende? As pessoas sempre tiveram um mínimo de respeito, um mínimo de decência, entende?
- É... O nosso bairro sempre foi bem pacato, né, Ana? Provinciano até, eu diria...
- Pois é... E esse tipo de coisa acaba chamando muita atenção...
- E era muita mulher mesmo?

- Muita! E era, não! É!
- Ah! Ela ainda é assim, a mãe da menina?
- Ainda??? Parece que está cada vez pior... E, olha, não é só isso viu?
- Por quê?
- É beberrona, ainda por cima!
- Beberrona?
- É! Para você ter uma idéia, vira e mexe aparece na feira meio de fogo...!
- Na feira???
- É! Na feira!
- Em plena luz do dia???
- Pra você ver... Mas o pior não é isso...
- Nossa, Ana! Tem mais?

Ana Augusta suspira.

- Mexe com macumba a mulher.
- Macumba???
- É! Macumba, candomblé, essas coisas...
- Tem certeza, Ana?
- Sabe aqueles colarezinhos? Aqueles, que eles usam lá para as tais entidades...?
- Sei. Guias.
- Exatamente! Ela usa umas três dessas tais guias no pescoço...!
- Entendi.
- Enfim... "A" vizinha!
- Como é o nome dela? Já que você disse o nome da menina, diga-me o nome da gloriosa mãe...
- Vanira.
- Vanira?
- Sim. Com justiça, a mulher mais falada da rua!
- Entendi... E, então, por causa do estilo de vida da dona Vanira, você e as outras mães sempre implicaram com a Ingrid...?

- Aí é que está...
- Hum...?
- Isso acontecia de fato. Eu mesma, e também a Eunice, muitas vezes a gente implicava com ela, sim. Não gostávamos que o Maurinho brincasse com ela, e tal...
- Hum-rum...
- Mas, depois, nós ficávamos pensando... Será que é certo isso? Será que devemos julgar a garota pela maneira de ser da mãe?
- Hã...
- E acabamos chegando à conclusão de que não estávamos sendo justas, sabe? Que culpa teria a menina, afinal, dos erros da mãe?
- Nenhuma!
- Pois é... Então, na medida do possível, a gente foi tentando deixar para lá essa implicância... Porque você sabe como é, né? É só falar para o teu filho que ele não pode brincar com determinada criança, que vai exatamente ser com aquela criança que ele vai querer brincar...!
- Claro!
- Então nós deixamos. E acabou que o Maurinho cresceu brincando com a Ingrid, ela freqüentando a nossa casa, e por aí vai...
- Hum-rum.
- Mas coração de mãe não se engana, viu, Elias? Antes nós tivéssemos seguido aquela nossa intuição...
- Mas por quê, Ana? Tudo bem... Eu já entendi que é algum problema com o Maurinho e que tem a ver com essa menina, Ingrid, filha dessa tal Vanira... Mas o que foi que aconteceu, afinal? Se abre, vai! Pode confiar aqui no teu amigo...!

Pausa. Ana Augusta sente de novo aquela dificuldade de falar. Novamente lacrimeja um pouco. Mas, enfim, ainda que meio aos trancos e barrancos, põe para fora a sua angústia...

- Foi no sábado passado, Elias...